

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
PERCURSOS DE SAUSSURE:
DO JOVEM PESQUISADOR
ÀS TRÊS PRIMEIRAS CONFERÊNCIAS EM GENEBRA

Luciana Moraes Barcelos Marques (UFES)
luciana.marques.dra@gmail.com

RESUMO

Para compreender melhor quem foi Saussure, importa resgatar sua história, principalmente no que tange à sua trajetória profissional, desde a tenra idade até suas conferências em Genebra. Surpreendentemente, em torno de seus 14 anos, esboça um sistema geral da linguagem, direcionado a Adolphe Pictet. Em 1876, passa a integrar a Société Linguistique de Paris. Seu mestrado é concluído com o *Mémoire Sur le Système Primitif des Voyelles Dans les Langues Indo-Européennes* (1879); e, no ano seguinte, recebe o título de doutor em filosofia, com a tese *De L'emploi du Génitif Absolu en Sanscrit* (1880). Em Paris, de 1881 a 1891 exerce o cargo de “mestre de conferências de gótico e de antigo alto-alemão”. Em Genebra, inicia suas atividades em 1981, com conferências abertas ao público. Na primeira conferência, questiona a utilidade dos estudos da linguagem e discute a noção de continuidade linguística. Na segunda, tanto a referência a um aspecto mais geral de mutabilidade e imutabilidade, como a separação do que é físico do que é psicológico demonstra a forma de organização do conhecimento e de sua apresentação. Enfim, na terceira conferência, a língua é colocada como um todo complexo de base contínua, porém com divergências; portanto, observa-se claramente a base das discussões dos âmbitos temporal e espacial. Além de sua biografia, essas três primeiras conferências de Saussure em Genebra serão apresentadas sumariamente enquanto documentação histórico-cronológica de algumas das proposições saussurianas que ecoaram nos cursos ministrados e, conseqüentemente, reapareceram na edição do *Curso de Linguística Geral*. É profícuo observar a construção das proposições defendidas por Saussure, considerando-as a partir da seleção com que ele apresenta conceitos e organiza as aulas, pois, como bem disse Meillet, “Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre”.

Palavras-chave: Saussure. Genebra. Conferência. Pesquisa. Linguística.

1. Apresentação

Ferdinand de Saussure é mundialmente conhecido e intitulado pai da linguística moderna por uma obra não escrita, mas apenas atribuída a ele. Tendo isso em mente, há contextos em que o nome de Ferdinand de Saussure não precisa ser apresentado, nem sequer explicado à comunidade acadêmica. Contudo, a história e a construção das aulas saussurianas não repercutiram na mesma proporção que o livro *Curso de Linguística Geral*, considerado o marco fundador da linguística moderna. Diante disso, nesta comemoração dos 100 anos de publicação do *Curso de Linguís-*

tica Geral, propomos uma breve retomada histórica da adolescência de Ferdinand de Saussure, com o objetivo de destacar sua personalidade pesquisadora e curiosa, desde a juventude. Ademais, descrevemos e analisamos as três primeiras conferências de Ferdinand de Saussure em Genebra, com o intuito de demonstrar a organização do pensamento do professor, na apresentação de noções iniciais e fundamentais em linguística, de modo a revelar os aspectos presentes, já nessas conferências, que se desenvolveram ao longo dos três cursos de linguística ministrados por ele.

2. Juventude: o ímpeto curioso e investigativo

O interesse de Ferdinand de Saussure pela pesquisa parece ser reflexo de um alicerce familiar, pois como herdeiro de nobreza aristocrática, sua ascendência esteve repleta de intelectuais de diferentes áreas de atuação. Um exemplo muito próximo foi o entomologista e geólogo Henri Louis Frédéric de Saussure, seu pai. Acrescenta-se ainda à sua ascendência o seu avô, um físico naturalista, e seu bisavô, considerado o pai da geologia e da mineralogia alpinas. Em meio a esta família de pesquisadores, Ferdinand Mongin de Saussure nasceu em 26 de novembro de 1857, primogênito de Henri com Louise de Saussure-de-Pourtalès: (DE MAURO, 1967, p. 319-322; FEHR, 2000, p. 232-234). Tal origem, possivelmente, contribuiu com o ímpeto curioso e investigativo observado em Ferdinand de Saussure desde muito cedo. Conforme escreveu Jean-Daniel Candaux,

Alguns estudiosos, não menos importantes, foram crianças pouco brilhantes, mesmo em comparação com seus colegas contemporâneos. Tal não foi o caso de Ferdinand de Saussure. O criador da linguística moderna foi, ao contrário, de uma precocidade extraordinária, podendo-se dizer que foi prodigiosa. (CANDAUX, 1975, p. 07, tradução nossa).

O principal evento que comprova a precocidade prodigiosa do jovem Ferdinand foi o ensaio escrito por ele com apenas 14 anos⁹, enviado para Adolphe Pictet. Inicialmente importa saber que Pictet – filólogo e professor de literatura comparada – era vizinho da casa de campo e amigo da família, e por isso Ferdinand de Saussure teve contato com ele desde muito cedo, sendo incentivado a estudar sânscrito. A obra *Origens*

⁹ Destaca-se aqui que há divergência nas datas. Nos *Souvenirs*, Ferdinand de Saussure afirma que tal ocorre quando ele tem entre 12 e 13 anos; contudo, Jean-Daniel Candaux (1974-1975) demonstra que a idade estimada pelo autor está equivocada.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Indo-europeias, de Pictet, gerou no jovem leitor uma “admiração muito profunda, quase infantil”, e após estudar alguns capítulos, procurou uma padronização universal para as línguas, de sorte que seu *Ensaio para reduzir as palavras do grego e do alemão a um pequeno número de raízes* chegou à conclusão de que seria possível encontrar raízes universais para qualquer língua, a partir de uma suposta equivalência entre algumas consoantes. Após ler o ensaio, Pictet respondeu a Ferdinand incentivando-o a perseverar em seus estudos, mas aconselhando-o a afastar-se de qualquer sistema universal da linguagem. “Apesar de receber “boas palavras” por escrito do grande linguista, acompanhando a análise crítica de suas ponderações, Ferdinand de Saussure afirma que esquece a linguística por dois anos, ‘bastante desgostoso com seu ensaio falho’” (MARQUES, 2016, p. 28)

Já em Leipzig, em sua primeira entrevista com um Professor Alemão (Hübschmann), ele descobriu que algo que lhe parecera elementar aos 16 anos acabara de ser publicado como uma grande descoberta. Conforme descreveu Tullio De Mauro (1967, p. 324): “aos 16 anos, três anos antes de Brugmann, Ferdinand de Saussure havia descoberto, na pré-história das formas gregas, a sonante nasal”. Na época em que percebera a regularidade a partir de um texto de Heródoto, ele acreditou ser algo óbvio para o meio linguístico, motivo pelo qual não registrou nem divulgou sua constatação.

Tanto o “Ensaio sobre as línguas”, quanto o caso da *sonante nasal grega* demonstram a peculiaridade do jovem Ferdinand, principalmente quanto à sua disposição investigativa, frente às problemáticas da língua. Destacam-se, ainda, seus estudos de latim, alemão, inglês, grego e, por último, sânscrito. Todo esse conhecimento contribuiu para o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879), único texto publicado pelo autor em vida. Conforme assinala Ecaterina Bulea (2013), a característica do *Mémoire* que se destaca, frente aos demais trabalhos de gramática comparada da época, é o tratamento do vocalismo indo-europeu a partir de uma visão sistêmica e de uma interdependência entre fonética e morfologia, algo inédito para a época e duramente criticado por neogramáticos, como Osthoff. Por fim, sua tese de doutorado, *De l’emploi du génitif absolu en sanscrit* (1880), destaca-se pela temática que não fora desenvolvida pelos neogramáticos, a sintaxe.

Esse histórico de seriedade frente aos objetos de pesquisa é conduzido até sua maturidade, como assinalam seus alunos de Paris. Como

exemplo, Antoine Meillet afirmou que “*Saussure era efetivamente um verdadeiro mestre*” (MEILLET, *apud* DE MAURO, 1967, p. 336, tradução nossa), ao destacar seu método de ensino rigoroso e comprometido com a clareza da informação; acrescentando-se o fato de que, embora bem preparados, seus cursos eram sempre abertos a reflexões sobre as teorias discutidas. A maturidade, portanto, aprimorou seu compromisso frente às investigações linguísticas e sua busca por proposições mais claras que as oferecidas na época.

Após dez anos como professor em Paris, Ferdinand de Saussure assume sua cadeira de “História e comparação de línguas indo-europeias” no início de novembro de 1891. Considerando que “a universidade oferecia esporadicamente conferências abertas ao público (gratuitas), como atividades extras aos cursos regulares apresentados em seu programa anual” (MARQUES, 2016, p. 34), de acordo Alessandro Chidichimo (2010), a estreia se deu exatamente com a abertura dessas conferências, datadas entre 06 e 10 de novembro do referido ano.

Na Universidade de Genebra estão arquivadas anotações preparatórias para as três primeiras conferências, ministradas por Ferdinand de Saussure, sob a numeração Ms.fr. 3951/1. Tais registros foram editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler e publicados em 2002 no livro *Escritos de Linguística Geral*, sob as páginas 126-150 (na tradução brasileira de 2004). No decurso dessas transcrições, verifica-se a apresentação de uma perspectiva dinâmica para os fatos da linguagem, como pode-se observar a seguir.

Na primeira conferência, Ferdinand de Saussure explicita a organização de sua fala para as três primeiras conferências: na primeira, ele aborda o princípio de continuidade no tempo; na segunda, é examinada sua contraparte, que é a transformação no tempo; por último, mas não menos importante, a continuidade e a divergência da língua no espaço são objeto de observação. Neste aspecto, vale salientar não só a organização da fala do professor, como também a estrutura epistemológica organizada por ele para a compreensão da ideia da história da língua. Constatata-se, aqui, que os três aspectos basilares das três primeiras conferências reaparecerão nas aulas dos *Cursos de Linguística Geral*, desde 1907 até 1911, tanto mais desenvolvidos quanto mais detalhados.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

3. *Continuidade no tempo: a primeira conferência*

A primeira conferência se inicia sob procedimentos formais, com as manifestações honrosas típicas de uma abertura oficial, tanto ao programa de ensino genebrino, quanto à importância de pesquisas e pesquisadores da época. O destaque a Adolphe Pictet se dá ao demonstrar a “capacidade singularmente precisa que assumiu a linguística para a etnografia¹⁰, a tal ponto que o dado [linguístico] é sempre, até a mais ampla informação, a prova primeira para o etnologista” (SAUSSURE, 2004, p. 127), assinalando o importante papel do estudo das línguas para comprovar o parentesco entre diferentes e distantes povos.

Em face das contribuições da linguística não só para a etnografia como também para a psicologia, Ferdinand de Saussure pergunta se a ciência linguística precisa justificar sua existência frente às demais ciências. Tal questionamento parece retomar, mesmo que indiretamente, rumores típicos contra as correntes de estudos ainda não solidificadas na sociedade de pesquisa. Embora essa suposta exigência seja plenamente atendida pela linguística, ele destaca a irrelevância de se pretender relacionar as diferentes ciências, argumentando que requerer tal premissa “é recusar a ela qualquer objeto próprio” (SAUSSURE, 2004, p. 127), base mínima para qualquer ciência.

A partir dessas ponderações, o professor questiona se linguagem ou língua seriam objetos que demandariam um estudo e responde dizendo que a linguagem, ou a fala articulada – expressão criticada por sua baixa clareza –, talvez seja a única característica distintiva do homem em relação aos outros animais¹¹, modelando o que é, de fato, o ser homem, “porque a linguagem foi, por um lado, a mais formidável ferramenta de ação coletiva e, por outro, de educação individual, o instrumento sem o qual o indivíduo ou a espécie jamais poderia aspirar a desenvolver, em algum sentido, as suas faculdades nativas” (SAUSSURE, 2004, p. 128). Assim, estudar a linguagem como faculdade humana, numa abordagem antropológica, é algo que exigiria muito mais que uma conferência, mas tal pensamento leva-o à reflexão de que os fenômenos da linguagem se

¹⁰ De acordo com o dicionário Houaiss, etnografia é o “1. estudo descritivo das diversas etnias, de suas características antropológicas, sociais etc. 2. registro descritivo da cultura material de um determinado povo”.

¹¹ O professor ressalta aqui, ironicamente ou não, a possibilidade de algumas espécies de macacos “como anunciam os jornais, estarem em vias de disputar conosco esse último florão da nossa coroa” (SAUSSURE, 2004, p. 128)

expressam, em primeira e última instância, nas línguas; portanto, linguagem e língua implicam-se mutuamente, apresentando-se uma como a generalização da outra.

Outrossim, referenciando ao objeto de estudo das disciplinas ministradas no curso de linguística da Universidade de Genebra, Ferdinand de Saussure cita a época em que a ciência da linguagem era considerada uma ciência natural, quase física. Superada essa abordagem, importou destacar que “à medida que se compreende melhor a verdadeira natureza dos fatos de linguagem, tão próximos a nós, mas, na mesma medida, tão difíceis de captar em sua essência, tornou-se mais evidente que a ciência da linguagem é uma ciência histórica” (SAUSSURE, 2004, p. 130). Nessa perspectiva, a compreensão do aspecto histórico da língua se faz fundamental, tanto para o historiador, dado seu caráter social (*a língua na história*), quanto para o linguista, dados os muitos acontecimentos linguísticos que se dão no decorrer do tempo (*a história da língua*).

Acrescenta-se, ainda, que a classificação da língua como uma ciência histórica perpassa, tal qual a arte, a religião ou o costume, o *ato humano*, concernente não só ao indivíduo, mas à coletividade. “Ora, de todos os atos que se poderia pôr em paralelo, o ato linguístico, se posso chamá-lo assim, tem a característica [de ser] o menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos” (SAUSSURE, 2004, p. 132). Tal distanciamento de um controle ou de uma intencionalidade plena leva ao interesse sobre dois aspectos fundamentais: “a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, ela se diferencia ou se diversifica no espaço” (SAUSSURE, 2004, p. 132). Embora essas duas vertentes devam ser tratadas de modo simultâneo, o professor as separa, “em teoria”, apenas para explicá-las de forma satisfatório.

Nesta conferência o professor enfoca no primeiro aspecto da língua: a *continuidade no tempo*. Com isso, destaca-se que a língua não é fixa, imóvel; mas é contínua, ininterrupta. Qualquer língua, de qualquer povo, de qualquer realidade que seja, necessariamente obedece à primeira “lei da transmissão do falar humano”, pois “jamais em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem, e não se pode, logicamente e *a priori*, conceber que isso possa, jamais e em parte alguma, ocorrer” (SAUSSURE, 2004, p. 133). Essa afirmação peremptória se dá como uma negação a uma suposta ideia de que as línguas poderiam nascer, crescer e morrer, como um organismo biológico.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

As línguas não são organismos biológicos, mas fenômenos sociais, de forma que são passadas de geração em geração pelo uso cotidiano de cada povo. Desse modo, conceber qualquer realidade que exclua o aspecto contínuo da língua configura um equívoco. Uma situação extrema seria o extermínio absoluto de um povo, o que causaria, conseqüentemente, o extermínio da língua em questão. Pode-se observar, todavia, a substituição contínua de uma língua por outra, a partir de mecanismos opressores de dominação, em que, por meio de imposição política, utilizando mecanismos como a Escola e a Igreja, e com o acréscimo de uma língua escrita, impõe-se uma língua a um povo “conquistado”. Aqui no Brasil, vivenciamos a morte lenta e cruel de diferentes tribos indígenas, morrendo com eles a sua língua. Ainda hoje observa-se a dominação cultural por meio da língua escrita (o português brasileiro), uma vez que as novas gerações falam cada vez menos a língua de seu povo, mas aprendem unicamente a língua do colonizador. Assim, alguns idiomas indígenas brasileiros têm morrido paulatinamente com seus últimos falantes. Neste aspecto, constata-se causas políticas, e não linguísticas, que provocam a quebra da continuidade.

Apartadas as situações político-sociais, importa retomar o aspecto contínuo da língua. A força da conservação se dá, primeiro, por que os falantes estão satisfeitos com o próprio idioma; segundo, por que, caso haja alguma tentativa de mudança do idioma, a massa falante resistiria fortemente a qualquer substituição da sua língua materna. No curso da história, Ferdinand de Saussure cita o *volapük*, uma língua artificial criada em 1880 por Johann Martin Schleyer, que se apresentou como uma opção de segunda língua internacional. Acrescentamos aqui o *esperanto*, criado por Ludwig Lazar Zamenhof, por volta de 1887, que ambicionava o mesmo que o *volapük*. Como o curso da história demonstrou, mesmo sem pretender substituir o idioma materno, nenhuma língua artificial foi assimilada por nenhum povo, dada a resistência da massa falante.

Consoante a isso, o *Curso de Linguística Geral* assinala os aspectos responsáveis pela imutabilidade do signo, como a “resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística” (SAUSSURE, 1973, p. 88). Obviamente que a discussão apresentada na conferência é de um domínio (língua) distinto do *Curso de Linguística Geral* (signo), contudo, importa salientar a relação dos argumentos, uma vez que observamos uma ligação entre as ideias de 1891 e a edição de 1913. Comprova-se o vínculo das duas discussões no *Curso de Linguística Geral*, quando este afirma que:

Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo. (SAUSSURE, 1973, p. 88)

Destarte, o peso da coletividade e do tempo imprime na língua uma tal fixidez que remonta a formação identitária de uma população. Portanto, a língua que se amanhece falando será, necessariamente, aquela que ao anoitecer do dia anterior se falou, assim, Ferdinand de Saussure retoma a “guerra impiedosa” de Gaston Paris a duas locuções frequentes, “primeiramente: *o francês vem do latim*, ou então tal palavra, por exemplo, *chanter*, vem da palavra latina *cantare*. O francês não *vem* do latim, mas *é* o latim, falado em uma data determinada e em determinados limites geográficos” (SAUSSURE, 2004, p. 134). Nesse ponto, a continuidade da língua se apresenta, também, em suas modificações no decurso espaço-tempo.

Há, em cada região do globo, um estado de língua que se transforma lentamente, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século, como veremos a seguir, mas nunca houve, em parte alguma, partição ou procriação de um idioma novo por um idioma anterior, isso é estranho a tudo o que vemos, assim como a tudo o que podemos nos representar em ideia, sendo dadas, simplesmente, as condições em que falamos, cada um, a nossa, língua materna. (SAUSSURE, 2004, p. 134)

Assim, nessa condição de falar cada um a própria língua materna, a continuidade se dá no dia-a-dia dos falantes, na repetição do idioma próprio da sociedade em que se reside. Portanto, considerar um suposto nascimento de um idioma é, para o professor, “jogar com as palavras”. Querer, então, atribuir às línguas o adjetivo de *novas* ou *antigas* é buscar segmentar cada ocorrência da atualidade, em busca de sua ancestralidade. Tal intento é vão, uma vez que ao se remontar os períodos acessíveis, todas as línguas europeias teriam a mesma idade. Por fim, a continuidade liga-se à mudança, aspecto trabalhado na conferência seguinte.

4. Movimento da língua no tempo: a segunda conferência

Como devidamente antecipado na conferência anterior, a segunda conferência volta-se para o segundo aspecto das línguas: a mutabilidade. Nas notas saussurianas, como ponto de partida, encontra-se que “nenhuma interrupção, nenhuma cisão, nenhum hiato é imaginável na tradição da língua” (SAUSSURE, 2004, p. 136). Diante disso, se não há interrup-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ções, considerando as diferenças óbvias entre o latim e o português, por exemplo, é inegável que o fluxo de continuidade da língua respeita o *movimento da língua no tempo*. O autor exemplifica tal continuidade com o trabalho do russo Boguslawski, que tirou 480 fotografias de si mesmo, no decurso de 20 anos, duas vezes por mês. Quando analisadas as fotos mais próximas, não são observadas nenhuma mudança, contudo, ao dar saltos no tempo, observam-se o que se assemelha a duas pessoas diferentes, mesmo sendo o mesmo Boguslawski. Semelhante feito ocorre com as línguas, uma vez que ao se considerar um curto intervalo de tempo, não se observa nenhuma mudança, nem na estrutura, nem no vocabulário linguístico.

Antes de prosseguir a discussão saussuriana, vale uma reflexão sobre a realidade do século XXI, em comparação com o século XIX, pois com o advento da internet e das oportunidades de gravação, é possível observar com mais facilidade qualquer fenômeno linguístico. Importa separar o que é, de fato, uma mudança na língua, do que é um modismo de fala/escrita. Com o advento da internet e, conseqüentemente, das redes sociais, atualmente a população leiga tem discutido uma suposta mudança abrupta na língua, seja no vocabulário, seja na estruturação morfológico-sintática. Há que se observar, contudo, que os pontos assinalados normalmente se apresentam como efêmeros, pois brevemente são substituídos por um novo modismo das redes. Dessa maneira, não são mudanças na língua que ocorrem, mas uma breve assimilação de brincadeiras ou de usos pontuais, embasada em eventos e, muitas vezes, de uso exclusivo de um único nicho de fala. Com isso, embora alguns desses eventos, a longo prazo, possam eventualmente vir representar uma mudança linguística, a maioria absoluta configura fatos temporários. Usando a comparação de Boguslawski, o que se observa são mudanças nas roupas da fotografia e, no máximo, na cor do cabelo; a pessoa da fotografia, ou a língua em si, é exatamente a mesma da quinzena anterior.

Retornando às colocações saussurianas, as mudanças linguísticas se apresentam como uma transformação no decurso do tempo, sem haver rupturas, sem se pontuar mortes ou nascimentos de línguas. Da continuidade, então, provém a transformação.

Há *transformação*, ainda e sempre transformação, mas não há, em parte alguma, reprodução ou produção de um ser linguístico novo, com existência distinta do que o precedeu e do que seguirá a ele. Nada de línguas mães, nada de línguas filhas, mas uma língua uma vez dada, que rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado à sua existência, sem que haja, nem mesmo, a possibilidade interior de acabar se não houver aciden-

te, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la (SAUSSURE, 2004, p. 137).

Constata-se, por conseguinte, a correlação entre os aspectos de continuidade e de mudança, de modo que é impossível observar um sem alcançar o outro. A partir dessa compreensão complementar, importa destacar o “princípio da transformação incessante das línguas como absoluto” (SAUSSURE, 2004, p. 138), visto que não há pontos estáveis em língua alguma, assim como não há línguas mães ou filhas. Existe apenas um *continuum* em que a repetição dia após dia viabiliza as transformações no decorrer de 100, 500 ou 900 anos.

Nesta conferência, Ferdinand de Saussure também comenta a tirania da língua escrita. “Essa espécie de camisa-de-força que é o francês oficial, tem, certamente, o efeito de travar a sua marcha, mas é incapaz de detê-la completamente” (SAUSSURE, 2004, p. 138). Desse modo, ele demonstra que a padronização das línguas, via a escrita, não permite a transformação linguística de forma natural. Todavia, apesar da aparente força restritiva, as línguas permanecem mudando no decorrer do tempo e do espaço. É interessante observar que o poder restritivo da escrita é amplamente discutido no *Curso I* (1907)¹².

Dando continuidade à sua explanação, Ferdinand de Saussure pergunta a natureza das constantes mudanças, suas causas e seu caráter. Como um alicerce de explicação, ele aponta três parâmetros para a *essência* desses fenômenos: a universalidade (é a mesma em toda parte), a regularidade (é a mesma em todos os tempos) e a especificação (há duas espécies, fonética e analógica). A mudança fonética, física, ocorre de modo inconsciente; enquanto a analógica, psicológica, ocorre de modo relativamente consciente; “pode-se dizer que uma ataca a forma pelo som e a outra ataca pelo lado da ideia” (SAUSSURE, 2004, p. 139). Ambas mudanças são plenamente discutidas no *Curso II* (1908/1909) e desenvolvidas na terceira parte do *Curso de Linguística Geral*, intitulada *Linguística diacrônica*.

Nas notas de Ferdinand de Saussure, percebe-se um detalhamento maior das transformações analógicas e uns dados esparsos das mudanças fonéticas, não havendo uma explicação pontual para essa diferença.

¹² *Curso*, em itálico, representa cada disciplina do *Curso de Linguística Geral* ministrada por Ferdinand de Saussure em Genebra. Quando citamos *Curso I* ou *Curso III*, de fato referenciamos a edição de Eisuke Komatsu, 1993; quando citamos *Curso II*, referenciamos a edição de Eisuke Komatsu, 1997.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Quanto aos fenômenos oriundos da analogia, Luciana Marques sistematiza a importância da coletividade para a sua efetivação, baseado no que é defendido do *Curso II*:

Em vários momentos, os usuários da língua criam novas unidades por analogia, mas é a utilização pela comunidade de fala que as constitui como fatos de língua; destacando-se que a criação analógica possui dois lados: o criado, pelo qual há uma nova combinação; e o analógico, que retoma elementos preexistentes na língua (MARQUES, 2016, p. 111)

Dessa forma, como assevera Ferdinand de Saussure, a analogia surge da associação de formas pela mente humana, mas se estabelece no uso conjunto de uma comunidade linguística. Ademais, a analogia se apresenta mais profícua no cérebro infantil, dada a limitação temporal de sua memória; conseqüentemente, se o cérebro adulto fosse mais preciso, possivelmente os fenômenos oriundos de analogias seriam muito reduzidos. Deixadas de lado as suposições, todas as línguas, em qualquer momento, apresentam bastantes fatos analógicos, sejam eles perceptíveis ou irrecuperáveis no curso da história. Dessa forma, eles “não são fatos excepcionais e anedóticos, não são *curiosidades* ou anomalias, mas a substância mais clara da linguagem, em qualquer parte e em qualquer época” (SAUSSURE, 2004, p. 141)

No final dos apontamentos referentes a esta segunda conferência, Ferdinand de Saussure assinala um enfoque na causa fonética, afirmando que “por razões que não seria possível expor aqui, ela escapa à nossa atenção e à nossa consciência. Esse movimento fonético existe em todas as línguas” (SAUSSURE, 2004, p. 141). Conforme explicita Luciana Marques,

As leis fonéticas são entendidas como acontecimentos, de forma que é a existência do fenômeno que possibilita a descrição da lei; logo, as hipóteses sobre regularidade são criadas e testadas na prática linguística. Assim, a universalidade das ocorrências fonéticas tomou estatuto de “lei”, nomenclatura usada a contragosto por Saussure (por falta de uma melhor), buscando demonstrar a regularidade com que os fenômenos são observados. Efetivamente, o autor defende que as transformações fonéticas são contingenciais às línguas em exercício, como fruto do movimento criado por cada novo ambiente linguístico, e não em obediência a supostas “leis máximas da fonética”. (MARQUES, 2016, p. 41)

Nesses dois dias de conferência o professor destacou as perspectivas de continuidade e de mudança no tempo, em uma evidente correlação com os estudos diacrônicos. Observaram-se, até aqui, explicações embrionárias do que depois veio a ser discutido nos cursos de linguística geral, como as noções de mutabilidade e imutabilidade da língua, além das mu-

danças fonéticas e analógicas. Para concluir as três primeiras conferências, Ferdinand de Saussure acrescenta, enfim, o parâmetro espaço.

5. Descontinuidade geográfica: a terceira conferência

Considerando que há notas referentes apenas às três primeiras conferências, esta, para nós, é a última seção a ser observada, no que concerne ao início do exercício do professor em Genebra. Como ponto de partida, Ferdinand de Saussure retoma o aspecto *tempo*, trabalhado até aquele momento, com um grande esforço para não o relacionar ao espaço, aspecto guardado para ser discutido nesta terceira conferência. A escolha de separar a apresentação de *tempo* de *espaço* mostrou-se, exclusivamente, como uma decisão didática, com o propósito de permitir uma assimilação de cada aspecto pelo grupo. Diante disso, ministrados a continuidade e a mudança sob a face temporal, cabe agora examinar detalhadamente a face espacial.

Como são faces de um mesmo objeto, a segmentação é apenas epistemológica, assim, importa recuperar que o *francês não vem do latim*, mas é o latim num tempo/espaço diferente. Em muitas ocasiões, tanto nos cadernos dos alunos, quanto nas anotações do professor, Ferdinand de Saussure demonstra insatisfação com algumas nomenclaturas. Em sua opinião, o nome mal aplicado pode levar o ouvinte ao erro, principalmente quando se discute teoria. Semelhantemente, quando se aplicam dois nomes para dois momentos de uma língua (chamados de “desastrosas distinções nominais”), acaba-se por levar ao erro de que se trata de duas línguas distintas. A prova de que é uma mesma língua encontra-se na comparação com o grego, cujo movimento linguístico ocorreu de modo igualmente amplo e desenvolvido que o latim, mas com o nome preservado, cabendo apenas o acréscimo da datação para especificar o período a que se refere, como grego do século XII ou XV.

Diferentemente, o latim, ao se distribuir pelo espaço recebeu diferentes nomes, ocasionando a atual crise identitária da língua, e mesmo que o linguista explique o equívoco terminológico, para ele parece ser um trabalho vão, uma vez que “a denominação *francês* e *latim* é infinitamente mais forte [...], mil vezes mais poderosa no espírito de vocês do que todas as instâncias a que eu possa me entregar como linguista para fazer desabar esse dualismo de papelão, que nos importuna, sob o nome de *francês* e *latim*” (SAUSSURE, 2004, p. 144). Logo, eis uma prova cabal de que a terminologia possui um valor de verdade muitas vezes supe-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

rior ao objeto de pesquisa em si mesmo, algo contra o que Ferdinand de Saussure briga bravamente.

Compreende-se, então, que o francês, o português, o espanhol, o holandês e o italiano nada mais são do que o próprio latim, recortado no tempo e no espaço. Essa multiplicidade de realizações comprova que a combinação dos eixos temporal e espacial viabilizam transformações linguísticas distintas em cada ponto do mapa. Isso se dá devido à *absoluta continuidade*, acrescida da *contínua transformação* da língua no tempo, por intermédio de operações mecânicas e psicológicas, ou fonéticas e analógicas, que ocorrem de forma independente em cada comunidade de fala. Assim, embora se tenha uma mudança inevitável dos fatos linguísticos, ela não é a mesma quando se acrescenta a variação geográfica.

O *Curso de Linguística Geral*, na quarta parte, apresenta um capítulo exclusivo às causas da diversidade geográfica. Tal capítulo está embasado, majoritariamente, nas anotações do *Curso III (1910/1911)*, no qual Ferdinand de Saussure amplia e detalha essa discussão. Conforme sintetiza Luciana Marques (2016, p. 132), “a diversidade geográfica é um fenômeno que implica tanto fatores linguísticos como fatores externos”; sendo que os linguísticos são resultado de mudanças fonéticas e analógicas, e os externos, resultados de migração dos povos, guerras, comércio, colonizações, entre outras possibilidades de contato. Em suma, uma vez que as populações se movimentam sobre o globo, verificar a migração e a miscigenação das línguas é tão comum quanto a própria multiculturalidade. Nas palavras de Ferdinand de Saussure,

Cada região está colocada no percurso de um certo número de fenômenos linguísticos, que tem, cada um, *seus percursos determinados*; a soma das características que resulta, para cada região, da superposição acidental de tal e tal fenômeno é o que constitui, se assim se preferir, o dialeto dessa região. Mas é impossível encontrar uma característica que permita delimitar esse dialeto com relação a qualquer outro. (SAUSSURE, 2004, p. 148)

A partir desse excerto, compreende-se que as diferentes línguas da atualidade correspondem ao resultado de uma série de alterações acidentais – fonéticas, analógicas e extralinguísticas – que não foram premeditadas, tampouco previstas. Muitas dessas possuem uma base comum, como as chamadas neolatinas, conseqüentemente, estas já foram consideradas dialetos do latim, mas a somatória das alterações do tempo e do espaço estabelece, neste recorte atual, a falsa percepção de diferentes línguas. Não é possível, entretanto, delimitar linguisticamente os aspectos exatos que as unem e que as diferenciam, assim como não é possível estabelecer até que ponto um dialeto vai se transformar e alcançar o estatu-

to de língua para a comunidade falante. Essas inconstâncias e incertezas frente às transformações no tempo/espaço mostram-se a base do que, 10 anos depois, o *Curso de Linguística Geral*, pautado no *Curso III*, estabelece:

1º Como não existe imobilidade absoluta da matéria de linguagem, ao fim de um certo lapso de tempo a língua não será mais idêntica a si mesma.

2º A evolução não será uniforme em toda a superfície do território, mas variará de acordo com os lugares; jamais se comprovou que uma língua se modificasse da mesma maneira na totalidade do seu domínio. (SAUSSURE, 1973, p. 230)

Eis aqui a explicação saussuriana de que as línguas se diversificam no tempo, mas não apresentam nenhuma regularidade nessa diversificação, logo, uma mesma língua distribuída em diferentes territórios, ou em uma grande extensão geográfica, certamente apresentará transformações, mas estas serão distintas conforme a distância geográfica umas das outras. Consequentemente, é equivocada toda ideia de que haveria algum aspecto que conduzisse as transformações a qualquer regularidade. Luciana Marques retoma as variações dialetais explicadas por Ferdinand de Saussure no que tange suas possibilidades de registro:

Consequentemente, delimitar as fronteiras de um dialeto implica reconhecer e estabelecer as características distintivas em relação aos dialetos circunvizinhos; de forma que tal delimitação não é possível quanto à estrutura global de cada dialeto, pois, se há algo que diferencia a fala nordestina da fala mineira, pode não haver a mesma distinção em relação à capixaba, isto é, os pontos de contato e de diferenciação são tão variáveis quanto a própria variação da língua. “Acaba-se, enfim, compreendendo que a área geográfica dos fenômenos pode perfeitamente ser traçada no mapa, mas que tentar distinguir unidades dialetais é absolutamente quimérico e inútil!” (SAUSSURE, 2004, p. 148), dada a impossibilidade de se estabelecer os limites fronteiriços das variações no espaço. (MARQUES, 2016, p. 43-44)

Os registros dialetais, portanto, embora possam estabelecer características pontuais, não se apresentam tão bem delimitados a ponto de se poder delimitar onde termina um dialeto e onde começa outro. Semelhantemente, as línguas de povos sedentários também apresentam ambientes contíguos – as fronteiras – onde as duas línguas se misturam, todavia, conforme se distanciam do intermeio fronteiriço, as línguas vão se diferenciando a tal ponto de se alcançar a completa incompreensão.

Para finalizar, é importante acrescentar que os movimentos linguísticos que se pode observar nas atuais configurações do latim são da mesma natureza daqueles que provocam as alterações em níveis dialetais. Em virtude disso, cada domínio econômico estabelece, por vias políticas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

e literárias, um dialeto oficial, em busca de manter uma unidade em meio à diversidade. Como os estudos sociolinguísticos vieram mostrar quase um século depois, o que determina a escolha da variante padrão são motivos político-econômicos e não linguísticos. Até porque não há como mensurar ou valorar um dialeto em detrimento de outro.

6. *Reflexões finais*

Como verificado até aqui, as três primeiras conferências ministradas por Ferdinand de Saussure em Genebra, no ano de 1891, apresentam alguns pontos fundamentais das discussões desenvolvidas durante os cursos de linguística geral, que ocorreram entre os anos de 1907 e 1911. Outro aspecto interessante é a compatibilidade dos conteúdos apresentados nessas conferências em relação à ordem como aparecem e são desenvolvidos mais de 10 anos depois. Como vimos, a continuidade da língua é amplamente desenvolvida no *Curso I (1907)*, as transformações são detalhadas no *Curso II (1908/1909)* e as variações geográficas são desenvolvidas no *Curso II* e ampliadas no *Curso III (1910/1911)*.

Observamos, portanto, que o aspecto espacial, junto com o temporal, compõe os eixos propulsores de continuidade e de transformação das línguas, e tais aspectos são separados com uma finalidade puramente didática, uma vez que é impossível falar de um sem tocar, mesmo que indiretamente, o outro. A partir dessas colocações o linguista demonstra que os fatos linguísticos sofrem diferentes influências e, por isso, devem ser tratados no conjunto de seus domínios.

Tanto numa perspectiva mais direta, da mutabilidade e da imutabilidade da língua; quanto numa perspectiva menos evidente, da sincronia e da diacronia, Ferdinand de Saussure demonstra a complexidade dos estudos da linguagem, cujos pontos fundamentais perpassam tempo e espaço, continuidade e transformação. Meillet, que foi aluno de Ferdinand de Saussure em Paris bem antes de seu período em Genebra, demonstra que parte do que Ferdinand de Saussure discutia não foi escrito, mas que importa destacar as duas maneiras de se considerar a os fatos linguísticos:

As reflexões sobre a linguística geral que ocuparam uma grande parte dos últimos anos não foram publicadas. F. de Saussure queria, sobretudo, destacar o contraste entre duas maneiras de se considerar os fatos linguísticos: o estudo da língua em um determinado momento e o estudo do desenvolvimento linguístico através do tempo. Somente os alunos que assistiram aos cursos em

Genebra sobre a linguística geral puderam aproveitar suas ideias. (MEILLET, *apud* GODEL, 1957, p. 33)

Por fim, embora o professor não tenha citado sincronia e diacronia nas primeiras conferências, é evidente que as bases dessa dualidade fulcral já estavam presentes em suas colocações. Se aos 14 anos Ferdinand de Saussure havia elaborado um “ensaio falho” sobre um sistema geral das línguas, no curso de sua vida ele desenvolveu uma clareza de pesquisa universal que se aplica até as abordagens mais recentes: a compreensão dos recortes sincrônico e diacrônico, e o modo como os fatos da língua se desenvolvem no tempo e no espaço, verdades que valem para todas as línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULEA, Ecaterina. O signo em Ferdinand de Saussure: um campo chave para a chave dos campos. *Revista Traduzires*. Brasília, vol. 2, n. 1, p. 31-53, 2013.

CANDAUX, Jean-Daniel. Ferdinand de Saussure: linguistique a quatorze ans et demi. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 29, p. 7-12, 1975.

CHIDICHIMO, Alessandro. Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 62, p. 257-276, 2010.

DE MAURO, Tullio. Notes biographiques et critiques/ Notes et commentaires. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*: edição crítica. Trad.: Louis-Jean Calvet. Paris: Payot & Rivages, 1967.

ENGLER, Rudolf. *Curso de linguística geral*: edição crítica. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1989.

FEHR, Johannes. *Saussure entre linguistique et sémiologie*. Trad.: Pierre Caussat. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2000.

GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: E. Droz, 1957.

KOMATSU, Eisuke (Texto estabelecido por). *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909)*: d’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois. Tokyo: Pergamon, 1997.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MARQUES, Luciana Moraes Barcelos. *As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016

SAUSSURE, Ferdinand de. Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études. *Cahiers Ferdinand de Saussure – CFS*, Genève, vol. 17, p. 12-25, 1960.

_____. *Curso de linguística geral* 9. ed. Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *Cours de linguistique générale*. Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin. Texto estabelecido por Eisuke Komatsu. Tokyo: Université Gakushuin, 1993.

_____. *Escritos de linguística geral*, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Trad.: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.